

MEUS CONTOS

TERRÍVEIS

Grasiele Martins

2016

Apresentação

No segundo semestre de 2016 tive a oportunidade de escrever contos para a disciplina de Escrita Criativa. Alguns deles estão neste portfólio.

Ao longo do semestre fui desafiada á escrever sobre vários temas. Acredito que ainda tenho que evoluir muito. A disciplina foi e é importante para me encorajar á escrever.

Sobre o título, me refiro a está definição da palavra terrível:

1. Que inspira terror; medonho; assustador. Acredito que meus contos me assustam um pouco, eles não falam sobre fenômenos paranormais, ou relatos de assassinos, mas mesmo assim conseguem ser terríveis pra mim.

Sumário

Mudança.....	4
Xampu que não arde os olhos, os seus olhos.....	6
Mistérios da Meia-Noite.....	8
A vida imita a Arte.....	11
Vingança.....	15
Banquete.....	20
Sem Conexão ou A ilha que as pontes caíram, encheu de nevoa depois vieram monstros (texto desenvolvido em grupo).....	23
Micro-contos.....	26
Ela e ele.....	26
Serena.....	27
Roteiro “Ajuda teus semelhantes a levantar a carga, mas não a carregues”. (Autor da frase: Pitágoras).....	28

Mudança

Terminei de desempacotar tudo da mudança às 20h30min. Sei disso porque o relógio da sala foi o último item. Estava cansada, sentei perto da janela, cruzei as pernas e fiquei olhando a vizinhança. Minha prima ligou, o ônibus atrasou e ela vai chegar mais tarde.

Cochilei e acordei com as badaladas do relógio pontualmente às 21h. Através da janela avistei uma mulher e um menino que estavam na rua. Saí de casa para me enturmar.

-Eu sou o Giulio, e você?

-Bia.

Crianças são tão simpáticas, me apresentei e resolvi ficar ali, ele estava andando de bicicleta, a mãe resolveu chamar as vizinhas e as crianças para me recepcionar. Parece que havia uma festa de aniversário, a mãe de Giulio foi até lá. Ele ficou andando de bicicleta ao meu lado e me perguntando sobre muitas coisas.

-Você tá nervosa, Bia?

-Não, por quê? Eu pareço? Bem, talvez um pouco, é muita gente, e eu não conheço ninguém.

Me tranquilizei olhando ele andar de bicicleta. Tirei uma bala de café do bolso. Ele perguntou se eu tinha bala de morango, porque a mãe dele não deixa tomar café. Eu sempre tenho bala nos bolsos, então achei uma de morango.

-Você é estranha?

-Não, por quê?

-Porque minha mãe disse para não aceitar nada de estranhos.

Ele pegou a bala, mas não conseguia abrir, eu abri pra ele. Conte sobre as estrelas e apontei para o cruzeiro do sul. Ele

olhou para o céu e arregalou os olhos, não porque admirava as estrelas. O motivo era à bala: sugada como um imã para a sua garganta. Ele olhou pra mim, apontou para a sua boca e eu o tirei da bicicleta, fui muito rápida, o virei de cabeça para baixo. Segurei as canelas, os pés dele batiam na minha cabeça e eu o chacoalhava como um daqueles achocolatados prontos.

Ele batia nas minhas pernas, devia estar agoniado e eu apavorada, corri um pedaço da rua gritando por socorro e agitando ele.

Olhei para o lado e todas as mães e crianças estavam me olhando, a mãe de Giulio ficou paralisada. Eu o coloquei no chão, a bala já tinha saído.

Algumas crianças saíram correndo e chorando para dentro da festa, as mães estavam horrorizadas, muitas com a boca aberta.

Giulio saiu correndo e contou o que aconteceu, a mãe disse que entendeu, sabia que eu fiz porque me apavorei. Vim para casa correndo, respirei, fechei as cortinas e comecei a empacotar o abajur da sala.

Minha prima chegou e perguntou o que estava acontecendo.

- Vamos nos mudar de novo.

Xampu que não arde os olhos, os seus olhos

Um coelho com jaleco, óculos e sapatos brancos pegou um de minha espécie que já estava morto, colocou em uma bandeja de metal, abriu seu corpo com um estilete, sorriu e ronronou. Acho que algo deu certo. Toda vez que um humano morre, os coelhos sorriem.

Os coelhos sempre conversam muito quando um humano morre, fazem anotações e telefonemas. Eles são gigantes, sempre nos levam em suas mãos, onde nosso corpo se encaixa perfeitamente. Muitas vezes aparecem coelhos mais jovens, que andam com cadernos e fazem anotações. Um dia à noite, uns coelhos diferentes e sem jaleco apareceram, batiam nas portas e faziam muito barulho, mas logo os coelhos de jaleco os expulsaram.

Aqui é um hospital, é muito grande, tem seringas e remédios, pelo menos foi o que o 6.516 me falou, o outro da minha espécie que morreu. Na sala onde eu morava tinham muitos quartos com grade, os coelhos chamavam de cela, não sei o que significa, mas nós humanos chamamos de apartamentos. Eram muito barulhentos os outros de minha espécie, sempre estavam gritando e eu não entendia o porquê, mas agora entendo.

Eu estava dormindo quando um coelho entrou na sala e se aproximou de meu quarto, me levou com ele até outro lugar, colocou um metal no meu pescoço e amarrou meus braços e pernas. Ele pegou uma seringa e um vidro, colocou em cima da mesa que estava próxima de mim, arrumou os óculos, abriu uma gaveta e pegou mais metais, dessa vez mais finos e pequenos.

Colocou os metais em meus olhos, e eu não consegui fechá-los. Olhei e vi na minha frente mais humanos amarrados, muitos estavam chorando e pedindo socorro, os olhos também estavam abertos. Um humano na minha esquerda estava sangrando, não consegui ver todos, só escutava os gritos, o metal no meu pescoço não me deixava ver o lugar todo.

-O que você vai fazer?- eu perguntei, mas os coelhos não entendem, falam outra língua.

Espetou à seringa em meus olhos e injetou um líquido, gritei e chorei, mas ele continuou.

Os dias foram passando, e agora meus olhos doem, coçam e não posso fechá-los. O barulho continua, nós gritamos e choramos o dia e a noite toda, eu me juntei a eles, grito bem forte e choro. Os coelhos são maus, e eu não posso fazer nada. Só vejo vultos, estou cansando, triste e com medo. Meus ouvidos cansados param de funcionar, por algum tempo. Sinto algo forte me pressionando e então se quebra o silêncio, uma voz de coelho. Eu estava errado, eles também falam minha língua, sei que depois de falar ele vai sorrir.

-Adeus cobaia 6.517, você foi muito útil.

Mistérios da Meia-Noite

-O que você quer? Já disse pra não bater na porta na hora da novela Mauro. Se me atrapalhar mais uma vez não te levo no cinema pra ver Os Goonies.

Tereza sabia que o menino adorava atrapalhar os capítulos da novela, ela era sua baba e amiga da irmã dele, a Marta. Como todo menino de dez anos, ele aprontava, e mesmo com a cara de sapeca, Tereza não desconfiava o que ele tinha feito dessa vez.

-Tereza está aqui o seu disco, a Marta pediu pra mim te devolver.

-Que cara é essa menino? O que sua irmã fez?

-Foi sem querer, ela foi pular de música e daí arranhou o disco, mas só um pouquinho.

-Foi na música da novela?

-Qual a música da novela? Aquela do Lobisomem?

-Eu vou matar a Marta. Eu só tenho a música completa no disco, ela sabe que na fita o locutor da rádio fala no final da música.

-Não, eu não sei se foi essa música, só estou falando porque vejo a novela também e eu escutei a música.

-Então entra aqui, vou botar o disco para tocar, se foi arranhado na música da novela a sua irmã vai pagar um novo pra mim.

Tereza colocou o menino dentro de casa e fechou a porta, ele ainda estava com o disco na mão, passou pela televisão e perguntou:

-Mas, e a novela?

-A novela já acabou. Você está com esse relógio no pulso parecendo o sinhozinho malta e não sabe ver a hora?

-Quem?

-Você não disse que via a novela? Vou botar pra tocar o disco, e não vou pular as músicas, você vai ficar aqui até eu ter certeza que a música não está arranhada.

-É a música onze, eu vou ter que esperar até ela começar a tocar, vai demorar.

-Não, você vai ter que esperar até ela terminar de tocar. E como você sabe que é a música onze? Deixa, nem fala a reposta, só vai me deixar mais nervosa.

A primeira música começa a tocar e então mais batidas na porta. Tereza deixa Mauro com o disco na sala e vai atender a porta.

-O Mauro está aí?

Era a avó do menino, Francisca, uma senhora de uns 60 anos. Ela parecia ter saído rápido de casa, ainda estava com um avental amarelo sujo de trigo e um lenço branco amarrado em volta de sua cabeça que escondia o cabelo pintado de preto.

-Ele está sim.

-Pode chamar ele? Já estava preocupada, ele saiu de casa há algum tempo e ainda não voltou.

-Não posso, é que a sua neta, a Marta, arranhou o meu disco e eu preciso saber se foi na música da novela. Minha mãe precisa desse disco para amanhã, se ele estiver arranhado eu preciso saber hoje e mandar um recado pelo Mauro para a Marta.

-Aquele do Lobisomem?

-Essa mesmo, a senhora quer entrar?

-Quero sim, depois fica muito tarde pro Mauro voltar sozinho.

Francisca, Tereza e Mauro começaram a dançar ouvindo músicas, a avó ensinou até alguns passos para os dois. Contou

que conheceu o avô de Mauro em um salão de danças, ela queria até colocar pra tocar a música, mas não podia, precisava esperar terminar de tocar a música da novela.

Enquanto o disco tocava, eles jogavam carta e Mauro falava bem alto o número da música para ninguém se perder.

-DEZ

Tereza foi até a cozinha pegar uns salgadinhos e suco de groselha, enquanto abria a geladeira, Mauro gritou:

-ONZE TEREZA, ONZE, CORRE.

Tereza correu e caiu no chão da sala, ficou ali mesmo, parada, escutando a música, que terminou de tocar, a música doze que estava arranhada.

Eles estavam terminando de comer e Francisca colocou a música que dançou com seu marido no primeiro encontro, não os encontros de namorados ou paqueras, eles apenas se encontraram em uma festa que estavam com todos os seus familiares. Tereza foi até a porta, porque alguém estava lá de novo. Era Marta:

-Tereza eu perdi o seu disco, acabei de chegar em casa e não o acho, eu sei que sua mãe precisa dele.

-O Mauro o trouxe e eu fiz ele ficar pra ter certeza que você não arranhou o disco.

-Arranhei? Eu nem coloquei o disco para tocar.

Tereza sorriu, entendeu quem realmente achava que tinha arranhado o disco. Marta ficou para comer, e depois de alguns minutos os pais de Tereza chegaram. Francisca colocou a música pra tocar, os pais de Tereza dançavam juntos, Francisca ensinava Tereza como dançar, Mauro e Marta dançavam juntos.

A vida imita a Arte

-Estudando ainda para sua tese?- perguntou Gustavo.

-Sim, o conceito de Freud sobre o inconsciente.

-Porque sempre tenho que dividir a nossa cama com mais um homem? Eu posso até ser seu marido, mas será sempre ele que estará na sua cabeça.

-Não, você estava na minha cabeça agora, se lembra quando fomos naquela exposição na nossa Lua de Mel?

-Lembro, Paris, três anos atrás.

-Lembra-se da tela de Edward Hopper? O casal, a mulher de vestido vermelho, eles estavam na sala.

-É claro que lembro, você ficou na frente da pintura meia hora falando de melancolia e Freud.

-Qual o nome da pintura? Você lembra?

-Isso é um teste? Minha memória está boa, pare de ficar perguntando “você lembra”. Eu anotei o nome do quadro.

Gustavo levanta-se da cama onde está sua esposa com livros, papéis e um abajur ligado, anda até o guarda-roupa, pega uma caixa vermelha pequena, abre e retira o guia do museu. Leva até Délia e ela sorri. Na parte superior no canto direito estava escrito “Room in new York”.

- “Room in new York”, está escrito errado.

Ela solta uma gargalhada e Gustavo pega o papel de sua mão, aproxima do abajur, força os olhos para ler e também solta uma gargalhada.

-Está errado sim, você me deixou tonto aquele dia, e usei suas costas de apoio enquanto você falava o nome do quadro.

Os dois começam a gargalhar e relembrar da Lua de Mel, do dia em que se conheceram, das piadas, de Gustavo desmaiando

quando viu “Monalisa”. Depois da conversa, Délia voltou para a Tese e Gustavo se deitou na cama e logo começou a roncar.

Os dias passaram, Délia passou a se dedicar mais por sua Tese, os professores a elogiavam, por isso resolveu não ir viajar, ficou para concluir a tese. Gustavo resolveu ir, não queria perder a viagem de comemoração dos três anos de casamento em Nova Iorque.

No primeiro dia Gustavo ligou três vezes, Délia morta de saudades abandonou a tese as três vezes para conversar com seu amado, perguntava sobre o que ele via de interessante pelas ruas em Nova Iorque. Depois de uma semana Gustavo ligava apenas uma vez por dia, tinha muito que ver na viagem, amigos que conhecia, gastronomia e até aperfeiçoar o inglês. Quando atendia as ligações de seu esposo Délia falava brevemente, pois estava tentando recuperar o tempo em que abandonou a tese na semana que passou para atender as varias ligações de Gustavo. Na terceira semana nem conversavam, tinha sempre o fuso horário, a tese, o inglês, a comida.

Durante essas três semanas, eles evoluíram para um estado em que não precisavam conversar um com o outro diariamente, e por que não dizer semanalmente, a falta de dialogo virou rotina.

Gustavo chegou em casa de viagem e esse foi o único dia após essas três semanas que “conversaram”, por dez minutos, a saudade não era tão grande e eles sobreviviam e pior conseguiram “viver bem” um sem o outro. Conversaram sem se olharem, olhavam ambos para a janela, numa espécie de hipnose, com a visão desfocada, e falavam como se fosse um discurso ensaiado. A expressão do rosto não mudava, nem o tom da voz, pareciam estar falando com estranhos.

-Sabe aquele quadro do Edward Hopper? “Room in new York”. Eu estava parado na frente dele e comecei a falar aquele discurso que você fez na última viagem, falei alto, esqueci das pessoas. No meio do discurso, um senhor me interrompeu perguntando se eu era locutor, ou trabalhava dublando filmes, eu disse que não, mas ele disse que tenho talento. Você acha que tenho talento?

-Talvez, minha tese está pronta, conclui hoje, só faltam algumas coisas básicas. Você comprou o pôster que pedi? Do quadro.

-Comprei sim, chega daqui a alguns dias, tive que encomendar porque as pessoas compram muito, o vendedor vai mandar pelo correio.

Délia agradeceu e voltou para a tese. O telefone toca, Gustavo atende e lembra sua esposa do Concerto, seus amigos vão e ligaram para confirmar, será na semana seguinte.

A semana passa e os dois continuam entretidos com seus próprios motivos, se falam somente quando chegam em casa, um seco e rápido “Cheguei”.

No concerto os dois mal se falavam e durante a volta para casa as únicas palavras trocadas foram com o taxista. No elevador uma senhora os convidava para uma festa, Délia falava ao telefone e Gustavo respondia a senhora cinco vezes, mudando a entonação da voz.

Na sala de sua casa apenas os corpos estavam ali, juntos, acompanhados um do outro, compondo a tela, suaves, com luz, tranquilos. Mas, os dois estavam desacompanhados, sós, isolados, cada figura destacava-se isoladamente e compunha-se outra cena, sem muito esforço. Não existia nenhum elo, talvez o único seja apenas estarem ali, naquela sala. O casal se

apresentava como tal apenas pelas alianças idênticas, de resto nada sobrara para tal evidência. Ele, com um jornal na mão pensava sobre as notícias que lia, vez ou outra lia a que achava mais interessante em voz alta, não esperava algum retorno da esposa, apenas lia para enfatizar a importância, mudava o tom de sua voz, e pensava que podia ser um bom locutor de rádio. Ela, perto do piano, tentava lembrar-se da música que ouviram há algumas horas atrás, tocava algumas notas e fechava os olhos forçando-se a lembrar da continuação, vez ou outra um ruído se ouvia bem baixo, era o marido lendo as notícias, ela estava concentrada no piano, e em seus próprios movimentos.

O telefone toca, Gustavo atende, estava mais próximo, desliga, volta a ler o jornal, e fala:

-Era a Tânia, o bebê está bem, perguntou se nós aceitamos ser os padrinhos.

Ela interrompe o movimento do piano, leva as mãos aos olhos, tentando lembrar-se da próxima nota e responde:

-Ótimo, por mim tudo bem.

Ele acena com a cabeça ainda lendo o jornal em um movimento concordando com a esposa. Ela não vê, continua tocando as notas que lembrou. E assim continua por alguns minutos, ele lendo jornal, ela tocando piano. E assim continua para o resto de suas vidas, alguns dias ela lendo um livro e ele assistindo televisão.

E viveram felizes, felizes alguns dias e não para sempre.

Vingança ✓

-Catiuce o que você fez? Eu não acredito que você quebrou o modem, porque fez isso? Mãe vem aqui.

Regiane chamava por sua mãe, quando ela chegou olhou para Catiuce segurando uma boneca com vestidinho amarelo, os olhinhos brilhavam, tinha uma luz angelical naturalmente.

-Minha filha, ela não fez de propósito, a Catiuce só tem cinco anos, fique calma. Quantas vezes você já quebrou as minhas coisas? Isso acontece. Você já tem quinze anos, sabe que crianças são desastradas.

Vanda, a mãe, saiu do quarto das meninas e se dirigiu a sala, procurando os óculos de Catiuce, levaria logo as meninas para a aula e não poderia perder tempo. No quarto Catiuce ria baixinho da irmã e falava:

-Viu, você não quis brincar comigo aquele dia, mas eu nem me importo muito com isso, o problema é que você jogou minha boneca no chão, e isso não se faz.

-Eu a coloquei no chão, e você sempre deixa seus brinquedos espalhados. Eu preciso da internet pra fazer meus trabalhos de aula, isso é importante, e não essa boneca.

Vanda chamou as meninas, levou uma pra creche e a outra para a escola. Regiane pensava no que poderia fazer contra a irmã, isso não iria ficar desse jeito. No caderno escreveu o que poderia fazer:

- *Jogar no lixo a boneca de Catiuce.*
- *Não brincar com ela nunca mais.*

- *Não fazer mais brigadeiro pra irmã.*
- *Quebrar algum objeto que ela gosta.*

Estava decidido, ia jogar fora a boneca, a de vestidinho amarelo. Quando chegasse da escola, pegaria boneca enrolaria em um jornal e jogaria na lata de lixo da vizinha. Regiane era a primeira a chegar em casa, então poderia fazer tudo sem ninguém atrapalhar.

Regiane chegou em casa pontualmente as dezoito horas, foi até a sala procurar algum jornal, não achou. Caminhou até a padaria do seu tio Kako, pego um jornal, suava frio e estava nervosa, alguém já iria ter uma prova que ela comprou o jornal.

-Esse jornal é de ontem Regiane, sua mãe já comprou o jornal de hoje.

-Mas eu não quero ler, é pra outra coisa tio.

-Trabalho de escola?

-É sim.

-É pra fazer os planetas? Aquele que você me falou que precisava da minha ajuda?

-Não, esse é só semana que vem. É outro.

-Eu posso te ajudar? Pode me falar que você sabe que eu sempre te ajudo nos seus trabalhos.

-Esse eu quero fazer sozinha, é sobre... sobre... outra coisa.

Regiane continuava suando, seus olhos não conseguiam focar em uma só coisa, olhava pro lado procurando resposta e um nome para o falso trabalho, resolveu deixar em segredo o trabalho e disse pro tio que ia mostrar quando estivesse pronto.

Caminhou rápido para casa, já estava ficando sem tempo. Procurou a boneca em toda casa, olhou em baixo do sofá, da cama, dos brinquedos e não achou nada. Ficou com medo, parecia até um filme de terror que o boneco ganha vida. Depois

de alguns minutos escutou a campainha, correu até a porta. Era a vizinha, e estava com a boneca de Catiuce nas mãos.

-Oi Regi, a tua mãe pediu pra lavar a boneca e costurar o vestidinho que já estava rasgando, ela disse que a Catiuce adora esse vestidinho. Não se esquece de entregar para ela, sua mãe disse que ela ama essa boneca, pediu para deixar com você.

Regiane pegou a boneca, fechou a porta e se apavorou o tio sabia que ela comprou o jornal, a vizinha sabia que ela que estava com a boneca, o que iria fazer agora? A primeira coisa que ela fez foi amarrar os braços e pernas da boneca, ela não sabia se a boneca tinha vida ou não.

-Com essas coisas não se brinca, nunca gostei dessa boneca mesmo.

Pegou a boneca amarrada e sentou ela em uma cadeira, na sua frente se sentou Regiane, abaixou a cabeça e olhava para os olhos da boneca.

-Olha boneca, não tenho nada contra você, é minha irmã, eu sei que ela te trata bem, mas a Catiuce quebrou o modem e eu preciso dele. Se você falasse ia me ajudar contando pra minha mãe que viu a Catiuce quebrando o modem.

Regiane se arrepiou só em pensar na boneca falando, então continuou o discurso.

-Sabe, é melhor você não falar não, eu não sei o que Catiuce faria se você a incriminasse. Fique ai sentada quietinha, eu tenho certeza que outra criança ira achar você e brincar muito.

Regiane deixou a boneca sentada, pensou em jogar fora a boneca do mesmo jeito, nem sabia o que iria falar para a mãe, mas depois inventava uma desculpa. Ficava olhando para o vestidinho amarelo, lembrou dele de algum lugar, chegou mais perto. E de repente lembrou-se de Dora, a sua boneca que tinha

um vestidinho amarelo também, mas Regiane pediu para a mãe doar Dora para alguma criança. Pensou um pouco, e achou uma resposta.

-Será que a Cati guardou o vestidinho?

Chegou perto da boneca olhou bem direitinho o vestido, dentro dele na parte inferior estava escrito Dora. Regiane chorou, lembrou como amava a boneca e que se arrependeu de doá-la, era o único brinquedo que queria ter de volta. Pensou na irmã sem a boneca, e como ela ia ficar triste, resolveu não jogar a boneca fora. Talvez fosse planejar outra vingança, ou tentar desmascarar a irmã, ou até deixar assim mesmo sem vingança e sem desmascarar. Talvez a irmã fez sem querer, “criança é assim mesmo” pensou Regiane. Soltou a boneca, a abraçou e fechou os olhos lembrando-se de Dora.

Vanda chegou em casa junto com Catiuce, e Regiane estava no quarto terminando os deveres. A mãe comprou a peça pra consertar o modem, levou até Regiane. Enquanto Regiane tentava consertar o modem, algo ofuscava sua visão, a luz era refletida nos seus olhos, algo que estava em baixo da mesa do computador, perto do modem. Pegou o objeto sem saber o que era, quando trouxe perto de si viu os óculos de Catiuce, seu sangue ferveu, a irmã fez de propósito, levou até os óculos pra acabar com o modem. “Mas esses óculos também são uma prova” pensou ela. Correu do quarto até a sala, tropeçou na ponta do tapete e o óculos caiu se quebrando no chão.

-Mãe, os meus óculos, olha, a Regi fez de propósito.

-Catiuce ela caiu, você também quebrou o modem sem querer.

Catiuce jurava que viu a irmã rindo antes de cair, ela estava certa, no momento em que viu o tapete Regiane pensou rápido,

riu para Catiuce e provocou a queda. Bom, a vingança foi concluída.

- *Quebrar algum objeto que ela gosta. ✓*

Banquete

Daniela brinca com seu caminhão de terra no parque, seu vestido azul de bolinhas brancas está sujo de terra. Sua mãe tenta arrumar seu cabelo que está todo bagunçado. Ela corre da mãe e decide brincar no escorregador, a mãe se aproxima e senta em um banco perto da filha. O pai de Daniela chega com sua irmã mais velha, que logo se junta às amigas e joga futebol.

De longe e por trás de uma árvore, ele observa as crianças que brincam, leva a mão na barriga que ronca com fome e procura seu próximo alimento. Olha os pais, e em que lugar está cada criança, um vestido azul e de bolinhas brancas chama atenção. Uma criança suja de terra que corre para longe da mãe a todo o momento, uma mãe que observa outra criança jogando futebol e se esquece da filha no vestido azul. Uma combinação perfeita. E a barriga ronca mais alto, pedindo pelo alimento.

A irmã de Daniela marca mais um gol, e os pais comemoram, a menina de vestido azul vibra no escorregador levantando os braços enquanto desce. As outras crianças correm para ver o jogo e Daniela aproveita o parque quase vazio para brincar em todos os balanços. Escuta um barulho, para e olha para as pessoas conversando durante o jogo, continua se balançando bem alto. Olha para a mãe que está observando a partida e sorri, a mãe está distraída, ela pode se balançar bem alto e saltar do balanço.

Ele se aproxima por trás de uma árvore mais perto da menina, que mal ouve a barriga dele que ronca alto. Ela salta dos balanços e pula de um balanço mais afastado para um mais perto da árvore em que ele está esperando. É uma pescaria para ele, uma caça de alimento, então precisa de uma isca. Carrega

sempre umas bonecas, carrinhos, balas e até uns gatos para atrair as crianças. Olha para Daniela e pensa em jogar uma boneca, mas isso não a faria sair do transe hipnotizante de ter o parquinho só para ela. Balas não, a menina não parecia tão esfomeada como João e Maria, ela era gorducha, tinha muita carne, daria um ótimo assado de natal. Ele sente o cheiro mais próximo da comida e revira os olhos, a menina se aproxima da árvore e olha para os pássaros cantando, corre para o balanço e volta a brincar. Ele se decide então, sabe o que jogar como isca.

Daniela brinca no balanço e salta mais uma vez para fora, o vestido prende no balanço e rasga, ela brinca longe da mãe para não perceber o vestido rasgado. Escuta um barulho de novo, mas não é o mesmo barulho, chega mais perto de onde vem o som, é um gato. Um lindo gato preto, que é recebido aos abraços pela menina, que nem se dá conta ou ouve falar de azar, isso é bobagem para ela, uma criança de cinco anos gosta de bichos, não importa a cor.

A pescaria esta boa, um peixe morde a isca, agora é o momento de paciência e calma para não estragar todo o esforço, um grito antes de pegar o alimento é fatal, ele sabe disso. A menina anda com o gato perto do parque e se afasta dele. O barulho baixo do sino atrai o gato que pula do colo da menina e corre para o colo dele que está atrás da árvore. Daniela corre em direção a árvore, mas a mãe dela a chama, ele solta o gato.

Daniela corre em direção a mãe e o gato corre atrás da menina, a mãe avisa que vão embora logo que a partida de jogo acabar. A menina volta para o balanço, mas dessa vez fica sentada parada com o gato no colo. O Gato corre em direção a uma árvore e se esconde, a menina corre atrás do gato.

Ele deixa o gato sentado atrás da árvore, enquanto a menina contorna a árvore em busca do gato, ele contorna a

arvore em busca do alimento, quando ela abaixa para pegar o gato, ele balança o sino e a isca corre para seu colo. A menina olha para trás e vê pés verdes gigantes, cabelo branco comprido e orelhas pontudas, lágrimas de sangue, e apenas um corpo de gato sem cabeça na mão dele. O acompanhamento já esta servido.

Sem Conexão ou A ilha que as pontes caíram, encheu de nevoa depois vieram monstros

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente

Exceto quem estava em cima das pontes.

Tão pouco se importaram quando os motores dos barcos pararam de funcionar. Alguns poucos opiniosos e rebeldes reclamaram no twitter, como sempre. Ninguém notou o imenso silêncio que se estabeleceu, há anos que não usavam a voz para se comunicar, apenas os dedos. Quando a internet caiu aí sim foi um baque. As pessoas aos poucos foram saindo perplexas do seu entorpecimento. Choques e mais choques causados pelos espelhos, há anos que se viam apenas através da câmera frontal dos celulares com filtros do instagram. O coração batia rápido. Era preciso tomar providencias não virtuais dessa vez.

O governo cortou gastos, eliminando os guardas que cuidavam da entrada e saída da ponte. Os helicópteros jogavam prisioneiros todas as sextas-feiras no mar.

O abastecimento de energia foi cortado, a internet foi desativada, a ilha parecia estar morta para quem a visse de fora. As pessoas se escondiam em suas casas com medo do que poderia estar lá fora. Um breu estranho se instalou por toda cidade e contaminava os lares por toda rua, deixando as pessoas em estado letárgico de paralisia.

Os resquícios do outro mundo foram se esgotando aos poucos e a comunicação com o outro lado foi cortada sem que ninguém se desse conta. Sem internet, sem notícias sobre a situação do ilhados. Alegaram que a separação aconteceu pela insanidade dos que ali moravam. Lá todos se conversavam sem o auxílio do

computador, ninguém curtia ou compartilhava a publicação dos amigos, todos preferiam a interação em carne e osso. Insanos. Quando inúmeras pessoas deixaram de cruzar as pontes, para o continente a ilha já não existia.

Mas o povo de fato estranhou, quando o continente afundou diante de seus olhos, feito um pequeno barco de pesca com um furo imenso no meio, por onde jorrava água salgada.

A porção de terra marrom flutuou oceano adentro em direção ao iceberg. Não foram poucos os ilhéus que pensaram tratar-se de um inusitado passeio turístico patrocinado pelo novo presidente. Até porque todos eram apáticos e cegos. Estranharam somente o grande estrondo que ouviram, que conhecidos e parentes haviam sumido. Porque eles não sabiam é que sumiço se devia a grande tragédia.

Era inverno e a nevoa cobria a ruína das duas grandes e únicas pontes. Crianças não eram autorizadas a irem até lá nesse período que durava três meses. Muitos moradores já não saiam daquele pedaço de terra há anos, gostavam do isolamento e odiavam pessoas de outros lugares. Os mais velhos passavam o dia em suas casas e apenas os mais jovens trabalhavam no interior da ilha, era uma tradição não falar sobre as pessoas que viviam do outro lado da ponte.

Há muito tempo já haviam se tornado obsoletas desde aquela manhã fatídica quando tudo que conseguiam enxergar quando olhavam para aonde as pontes levavam era uma grande espessa massa de nevoa.

No fundo, já era um desejo antigo daquela população. Tinham atingido um certo grau de subsistência e não queriam compartilhar-las com os que vinham de fora. A queda das pontes

funcionou como uma ruptura natural, evitando assim o belicismo que tal desejo emanava.

Todos prestavam atenção no combate entre helicópteros do exercito e o monstro que tentava devastar a cidade. Os moradores já estavam acostumados com ataques de criaturas abissais, mas desta vez era diferente. As quatro últimas criaturas lembravam o famoso Godzilla. Este era mais viscoso, parecia um cobra. Alguns expectadores ficaram tão empolgados que compraram até pipoca para ver a épica luta.

Todos foram a favor. A criatura estava matando novamente. Evacuaram a pequena ilha em um dia. Agora estavam a salvo. Ninguém imaginou porém que aquele ser pudesse nadar. Foi só mais um sharknado que passou por lá.

Texto em grupo por: Bernardo Schmitt, Cassiano Zanon Moscibrocki, Gabriela Felipe Bankhardt, Grasielle Martins, Guilherme Grolof Patriota, Jalmir Duan Correia, Jessica Vicente Rosa, Ligia Minchini Pereira, Mateus Mognon dos Santos, Matheus Chacon Junqueira, Matheus Gonçalves Faisting, Pedro Martini Gargioni, Vera Lucia Freitas Silva, Helena Paula Zanin, Rosemeire de Oliveira Caetano.

Ela e ele

Paralelos um ao outro, esperavam alguma companhia, entre várias histórias e passos, construía a sua própria. O dia era colorido e luminoso, mas não para ela, não para ele.

Micro-conto inspirado na fotografia “A garota e o cão” Andrej Vasilenko, 2007.



Serena

Parecia dormir sobre nuvens. O rosto tranquilo e sem um arranhão posava sereno para a foto, as células do corpo já começavam a morrer.

Micro-conto inspirado na fotografia “O suicídio de Evelyn McHale” Robert Wiles, 1947.



"AJUDA TEUS SEMELHANTES A LEVANTAR A CARGA,
MAS NÃO A CARREGUES"

(PITÁGORAS)

Um roteiro

De

Grasiele Martins

“AJUDA TEUS SEMELHANTES A LEVANTAR A CARGA,
MAS NÃO A CARREGUES”

FADE IN:

INT. SUPERMERCADO - DIA

FERNANDA (40) cabelo loiro na altura do ombro, vestida com jaleco branco com bordado no canto esquerdo superior o nome de um laboratório, máscara de gás pendurada no pescoço, olha para a televisão enquanto caminha por um corredor de supermercado. Muitos produtos estão no chão e não há nenhuma pessoa no local. Carrinhos de compras bloqueiam a entrada.

Nas televisões uma entrevista com uma médica é passada repetidas vezes.

Médica (V. O.)

Evitem os alimentos da marca Blablá, contato com um infectado e sempre use máscara.

Lembrando os sintomas em sua respectiva ordem de aparecimento: Esquecimento, que se manifesta entre três a quatro dias após o contágio e leva três dias para acabar com a memória. Perda da Fala que surge logo após a perda de memória total, leva um dia para acabar com as cordas vocais. A perda do

raciocínio acompanha um comportamento violento, que dura quatro semanas e logo após vem o óbito.

Jornalista (V. O.)

Como identificar a doença em seu estágio inicial e em que estágio é transmitida as outras pessoas?

Médica (V. O.)

A perda da memória ocorre da mais atual até a mais antiga, por isso pergunta a pessoa sobre assuntos recentes na vida dela, se ela apresentar esquecimento, leve até um posto específico da epidemia. Lembrando que a memória recente, de duas a três horas permanece com o paciente até a perda da fala. A memória recente se renova a cada três horas.

Fernanda estica seu braço, fica na ponta dos pés enquanto pega uma lata na última prateleira. Olha para a marca, que é a Blablá e joga no chão. Anda até o corredor do lado desviando-se dos produtos no chão. Pega uma lata olha a marca e coloca-a no bolso. Anda até a geladeira.

LUISA (30) uniforme preto de policial, mascarará de gás pendurada no pescoço, carrega um fuzil AR-10 A4 CBFA está na geladeira pegando água. Esta de costa para Fernanda.

FERNANDA

Oi, você é uma nova recruta do Laboratório?

Luisa vira, olha para o jaleco e aperta a mão de Fernanda que esta estendida. O som e a imagem na televisão falham, Luisa bate na televisão e ela volta a funcionar.

Repórter

Os pesquisadores afirmam que a contaminação

foi dada através de alimentos contaminados com o vírus na merenda escolher de algumas regiões. Com o corte de gastos o ministro da Educação fechou um acordo com a empresa Blablá para o fornecimento do produto. O presidente da empresa Blablá afirma que deixou claro no contrato que os alimentos foram modificados recentemente e não foram testados, o ministro pediu que enviassem imediatamente o produto para as escolas dispensando os testes. O governo economizaria trinta por cento do seu gasto com merenda comprando os produtos da empresa Blablá.

FERNANDA

Idiotas, infectam todos e depois pedem para que descubramos a cura rapidamente.

LUISA

E fornecem policiais aos laboratórios para se redimirem.

FERNANDA

Você trabalha no laboratório que fica a dez minutos daqui ou na central?

LUISA

Na central.

FERNANDA

Eu trabalho no laboratório. Você deveria usar a máscara sempre, eu podia estar infectada.

LUISA

Foi um descuido.

Luisa aperta a mão de Fernanda se despedindo. As duas vão até a porta do supermercado e saem.

EXT. ESTACIONAMENTO LABORATÓRIO - DIA

FERNANDA fecha a porta do carro e vê LUISA ao fundo do prédio entrando no laboratório. Corre até a porta de entrada.

INT. Laboratório - Dia

FERNANDA entra pela porta e sobe as escadas devagar.

INT. SALA DE ARQUIVOS/LABORATÓRIO - DIA

FERNANDA olha LUISA através de um vidro. Luisa tira um pequeno objeto do bolso e o coloca na mesa. Sai da sala que estava e entra na sala de arquivos. Fernanda está escondida ao lado do armário de arquivos e observa Luisa que procura algo nas gavetas de uma mesa. Fernanda pega uma tesoura e corre até Luisa que esta de costa. Luisa vira e segura à mão de Fernanda. Fernanda larga a tesoura e empurra Luisa. Luisa cai em cima da mesa e solta a mão de Fernanda, está corre para o corredor.

INT. CORREDOR - DIA

FERNANDA cai com o golpe da tesoura que LUISA lança em suas costas. Luisa se aproxima de Fernanda e arranca a tesoura de suas costas. Fernanda desmaia e Luisa a carrega até a sala de observação.

INT. SALA DE OBSERVAÇÃO - DIA

LUISA entra e coloca FERNANDA em uma Maca, vai até um armário e pega uma seringa de anestesia. Coloca a seringa

entre os dentes e Volta para a maca onde está Fernanda. Amarra os pés de Fernanda, anda até estar próxima as mãos de Fernanda. Fernanda Abre o olho e da um soco em Luisa, que cai inconsciente. Fernanda desamarra seus pés. Levanta-se, pega a seringa que está no chão e injeta em Luisa. Amarra Luisa em uma cadeira de rodas e se dirige até O elevador.

INT. ELEVADOR - DIA

FERNANDA entra com LUISA que está desmaiada.

EXT. TERRAÇO - DIA

FERNANDA Deixa LUISA no terraço com um celular no seu colo e volta para o elevador.

INT. ELEVADOR - DIA

FERNANDA aperta no botão do térreo enquanto seu celular está ligado esperando LUISA falar algo.

LUISA (V. O.)

Fernanda.

FERNANDA

Não me lembro de dizer meu nome

Fernanda para o elevador.

LUISA

Você não se lembra de muita coisa. Preciso que volte e desarme a bomba que está na sala de arquivos. O prédio vai explodir e sua pesquisa vai junto. Você tem pouco tempo. No pen drive tem o código para desarmar a bomba.

Fernanda aperta para o primeiro andar. A porta abre e ela vai até a sala de arquivos.

INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA

FERNANDA entra na sala e vê a bomba em cima da mesa, que explodira em cinco minutos. O celular desliga e ela liga o pen drive. Coloca o pen drive na televisão. Um video começa a passar na TV, nele está Fernanda com uma seringa na mão injetando em seu braço.

Fernanda (voz over)

Esse é um vídeo de segurança. Não tenho muito tempo. Vou injetar o vírus em mim porque ele tem prazo de validade, precisamos descobrir a cura. Ele está geneticamente modificado, irá durar três meses até a pessoa morrer, ele esta lento, isso dará tempo para os pesquisadores acharem a cura. Porém, Fernanda acha que já temos a cura e que ela será apenas cobaia de efeitos colaterais. Chegando na central, eles abrirão o corpo dela ainda viva e sem anestesia para identificarem o processo do vírus. Injetei em mim e pedi para Fernanda se contaminar quando eu começar a perder minha memória, isso dará tempo para ela chegar na central no estagio que eles precisam para verificarem o vírus. Eu posso ter errado alguns cálculos, e tenho chance de ser cobaia, então siga essas instruções.

EXT. TERRAÇO - DIA

LUISA está sonolenta, mas consegue desamarrear suas mãos coma ajuda de um ferro solto atrás da cadeira de rodas. Ela desamarra seus pés. Pega o celular em seu colo e tenta

falar com FERNANDA. A porta do terraço está fechada. Ela anda cambaleando até a ponta do prédio e vê o carro de Fernanda no estacionamento. Fernanda abre a porta e a prende com um tijolo. Vira para Luisa que está longe.

FERNANDA

(gritando)

Você tem sete minutos para sair daqui.

Fernanda corre até a outra ponta do prédio e se joga. Luisa tenta correr, mas cai. Levanta-se e sai em direção à porta do terraço.

EXT. ESTACIONAMENTO LABORATÓRIO - DIA

LUISA sai do prédio, atravessa o estacionamento e entra no carro.

INT. CARRO - DIA

LUISA liga o carro e sai em alta velocidade do estacionamento. Pega o celular e liga para a Central.

LUISA

Protocolo 2248

ATENDENTE CENTRAL

Ao chegar no território da Central se identifique no interfone e entre na caixa azul no jardim. Procedimento padrão para não contaminar os outros. Agradecemos por ser cobaia de testes da cura que logo estará no mercado. Você tem o prazo de 24 horas para chegar.

EXT. EDTRADA PRÓXIMA A LABORATÓRIO - DIA

O carro de LUISA continua em alta velocidade e o laboratório explode ao fundo.

FADE OUT

FIM